
Pais e Filhos, *Ivan Turguêniev (1862)*

[...]

— Quem é Bazárov? — perguntou sorrindo Arcádio.

— Quer, meu tio, que lhe diga quem é de fato?

— Faça-me o favor, meu caro sobrinho.

— Ele é niilista.

— Como? — perguntou Nicolau Pietróvitch, enquanto Páviel Pietróvitch erguia a faca com um pouco de manteiga na ponta.

— Ele é niilista — repetiu Arcádio.

— Niilista — disse Nicolau Pietróvitch — vem do latim, "nihil", e significa "nada", segundo eu sei. Quer dizer que essa palavra se refere ao homem que... em nada crê ou nada reconhece?

— Pode dizer: o homem que nada respeita — explicou Páviel Pietróvitch, voltando novamente sua atenção para a manteiga.

— Aquele que tudo examina do ponto de vista crítico — sugeriu Arcádio.

— Não é a mesma coisa? — perguntou Páviel Pietróvitch.

— Não, não é o mesmo. O niilista é o homem que não se curva perante nenhuma autoridade e que não admite como artigo de fé nenhum princípio, por maior respeito que mereça...

— E isso está bem? — interrompeu Páviel Pietróvitch.

— Depende, tio. Para alguns está bem e para outros não.

— Vejo que essa doutrina não se refere a nós. Somos homens do século passado e supomos que, sem os princípios — Páviel Pietróvitch pronunciava essa palavra suavemente, à francesa; Arcádio, pelo contrário, proferia-a à russa, carregando na primeira sílaba —, sem os princípios transformados, como você disse, em artigos de fé, não é possível dar um passo, nem mesmo respirar. Vous avez changé tout cela, que Deus lhes dê saúde e posto de general. Ser-nos-á muito agradável apreciar a sua obra, senhores... como se chamam mesmo?

— Niilistas — pronunciou claramente Arcádio.

— Bem. Antes havia hegelistas, hoje há niilistas. Veremos como poderão viver no vácuo, no espaço sem ar. (...)

O ego e sua propriedade, *Max Stirner (1844)*

[...]

“Deus e a humanidade alicerçaram sua causa sobre nada, sobre nenhuma outra coisa senão eles mesmos. Da mesma forma, fundo também minha causa sobre mim mesmo, eu que, como Deus, sou o nada de qualquer outra pessoa, que sou o meu tudo, eu que sou o único (...). Não sou nada no sentido de vazio, mas o nada criador, o nada a partir do qual eu mesmo, como criador, tudo crio.”

[...]

“De Deus se diz que nome algum pode identificá-lo. Assim é comigo: nenhum conceito me exprime, nada do que se aponta como minha essência me exaure. São meros nomes. (...) Sou eu o proprietário de meu poder e o sou, precisamente, quando sei que sou único. No único o próprio dono se recolhe em seu nada criador, do qual nasceu. Todo ser superior a mim, Deus ou homem, enfraquece o sentimento de minha unicidade e se obscurece ao brilho solar dessa minha consciência. Se fundamento minha causa em mim, o único, ela se apoia no efêmero, mortal, criador de si mesmo, que consome a si próprio, e posso dizer: fundamentei minha causa em nada.”

Gaia Ciência, *Friedrich Nietzsche (1882)*

125. O homem louco. – Não ouviram falar daquele homem louco que em plena manhã acendeu uma lanterna e correu ao mercado, e pôs-se a gritar incessantemente: “Procuro Deus! Procuro Deus!”? – E como lá se encontrassem muitos daqueles que não criam em Deus, ele despertou com isso uma grande gargalhada. Então ele está perdido? Perguntou um deles. Ele se perdeu como uma criança? Disse um outro. Está se escondendo? Ele tem medo de nós? Embarcou num navio? Emigrou? – gritavam e riam uns para os outros. O homem louco se lançou para o meio deles e trespassou-os com seu olhar. “Para onde foi Deus?”, gritou ele, “já lhes direi! Nós os matamos – vocês e eu. Somos todos seus assassinos! Mas como fizemos isso? Como conseguimos beber inteiramente o mar? Quem nos deu a esponja para apagar o horizonte? Que fizemos nós ao desatar a terra do seu sol? Para onde se move ela agora? Para onde nos movemos nós? Para longe de todos os sóis? Não caímos continuamente? Para trás, para os lados, para frente, em todas as direções? Existem ainda ‘em cima’ e ‘embaixo’? Não vagamos como que através de um nada infinito? Não sentimos na pele o sopro do vácuo? Não se tornou ele mais frio? Não anoitece eternamente? Não temos que acender lanternas de manhã? Não ouvimos o barulho dos coveiros a enterrar Deus? Não sentimos o cheiro da putrefação divina? – também os deuses apodrecem! Deus está morto! Deus continua morto! E nós os matamos! Como nos consolar, a nós, assassinos

entre os assassinos? O mais forte e sagrado que o mundo até então possuía sangrou inteiro sob os nossos punhais – quem nos limpará esse sangue? Com que água poderíamos nos lavar? Que ritos expiatórios, que jogos sagrados teremos de inventar? A grandeza desse ato não é demasiado grande para nós? Não deveríamos nós mesmos nos tornar deuses, para ao menos parecer dignos dele? Nunca houve ato maior – e quem vier depois de nós pertencerá, por causa desse ato, a uma história mais elevada que toda a história até então!" Nesse momento silenciou o homem louco, e novamente olhou para seus ouvintes: também eles ficaram em silêncio, olhando espantados para ele. "Eu venho cedo demais", disse então, "não é ainda meu tempo. Esse acontecimento enorme está a caminho, ainda anda: não chegou ainda aos ouvidos dos homens. O corisco e o trovão precisam de tempo, a luz das estrelas precisa de tempo, os atos, mesmo depois de feitos, precisam de tempo para serem vistos e ouvidos. Esse ato ainda lhes é mais distante que a mais longínqua constelação – e no entanto eles cometeram! – Conta-se também no mesmo dia o homem louco irrompeu em várias igrejas, e em cada uma entoou o seu Réquiem *aeternaum deo*. Levado para fora e interrogado, limitava-se a responder: "O que são ainda essas igrejas, se não os mausoléus e túmulos de Deus?".

O CREPÚSCULO DOS ÍDOLOS ou *A filosofia a golpes de martelo*, F. Nietzsche (1888)

A "RAZÃO" NA FILOSOFIA

1. Quereis que vos diga tudo que é peculiar aos filósofos?... Por exemplo, sua falta de sentido histórico, seu ódio à ideia do *dever*, seu *egipcismo*. Creem honrar uma coisa despojando-a de seu aspecto histórico, *sub specie aeterni*... quando fazem dela uma múmia. Tudo com que os filósofos se ocupam há milhares de anos são ideias — múmias; nada real saiu vivo de suas mãos. Esses senhores idólatras das ideias quando adoram, matam e empalham: tudo é posto em perigo de morte quando eles adoram. A morte, a evolução, a idade, tanto quanto o nascimento e o crescimento, são para eles não só objeções, como até refutações. O que é não se *torna*, não se *faz*, e o que se *torna* ou se *faz* não é. Todos acreditam desesperadamente no ser. Porém como não podem apoderar-se dele, buscam as razões segundo as quais ele lhes escapa: "É forçoso que haja aí uma aparência, um engano por efeito do qual não podemos perceber o ser — onde está o impostor?" já o apanhamos gritam alegremente — são os sentidos! Os sentidos, que *por outro lado* são *tão imorais*... Os sentidos são quem nos enganam acerca do mundo verdadeiro.

Resultado: mister se faz desprender-se da ilusão dos sentidos, do *dever*, da história, da mentira. Consequência: negar tudo o que supõe fé nos sentidos, negar todo o resto da humanidade; isso pertence ao povo; é necessário ser filósofo, é necessário ser múmia, é necessário representar o monoteísmo com uma mímica de coveiro. E acima de tudo que pereça o corpo, essa lamentável

ideia lixa dos sentidos, o corpo contaminado por todos os defeitos que a lógica pode descobrir, refutado, até impossível, se se quer, ainda que tão impertinente que se porta como fosse real!...

2. Separo, com profundo respeito, o nome de Heráclito. Se os demais filósofos rejeitaram o testemunho dos sentidos, porque os sentidos são múltiplos e variáveis, Heráclito rejeitava tal testemunho porque apresenta as coisas como dotadas de duração e unidade. Também Heráclito foi injusto com os sentidos, que não mentem, nem à maneira que os eleatas se figuravam, nem como ele acreditava; em geral, não mentem. O que fazemos com seu testemunho é que introduz nele a mentira; por exemplo, a mentira da unidade, a mentira da realidade, da substância, da duração. A razão é a causa de falsearmos o testemunho dos sentidos. Estes não mentem quando nos mostram o vir a ser das coisas, o desaparecimento, a mudança. Mas em sua afirmação segundo a qual o ser é uma ficção, Heráclito terá eternamente razão. *O mundo das aparências é o único real, o mundo, verdade foi acrescentado pela mentira.* [...]

COMO O "MUNDO-VERDADE" TORNOU-SE ENFIM UMA FÁBULA (História de um erro)

1

O Mundo-verdade acessível ao sábio, ao religioso, ao virtuoso, vive nele, ele mesmo é esse mundo.

(Esta é a forma mais antiga da ideia, relativamente racional, simples, convincente. Perífrase da proposição: "Eu, Platão, sou a verdade".)

2

O Mundo-verdade inacessível no momento, porém, prometido ao sábio, ao religioso, ao virtuoso, ao pecador, que faz penitência.

(Progresso da ideia; torna-se mais sutil, mais insidiosa, mais incompreensível, *torna-se mulher*, faz-se cristã...)

3

O Mundo-verdade inacessível, indemonstrável, que não se pode prometer, porém que mesmo supondo-se seja imaginário, é um consolo e um imperativo.

(O sol mais antigo ilumina no fundo, mas obscurecido pela névoa e a dúvida, a ideia se tornou pálida, setentrional, *koenigsberguiana*.)

4

O Mundo-verdade... inacessível? Pelo menos não alcançado em caso algum. Logo desconhecido. Por isso nem consola, nem salva, nem obriga a nada; como pode obrigar a algo uma coisa desconhecida?

(Aurora cinzenta, primeiro vagido da razão, canto do galo do positivismo.)

5

O Mundo-verdade; uma ideia que não serve mais para nada, não obriga a nada; uma ideia que se tornou inútil e supérflua; por conseguinte, uma ideia refutada: suprimamo-la!
(Dia claro, desjejum, retorno do senso comum e da alegria. Platão se cobre de vergonha e todos os espíritos livres fazem um tumulto dos diabos.)

6

O Mundo-verdade acabou abolido, que mundo nos ficou? O mundo das aparências? Mas não; com o *Mundo-verdade* abolimos o mundo das aparências!
(Meio-dia, momento da sombra mais breve, termo do erro mais demorado, ponto culminante da humanidade: INCIPIT ZARATUSTRA.)

FILOSOFAR PRA NADA

1) É possível viver um *nada*?

2) Qual é o papel do *nada* na sua vida?

3) Qual seria a primeira frase da sua biografia?

4) Qual seria a última frase da sua biografia?